



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE
CURSO DE PEDAGOGIA**

**UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS PARA A
ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS AUTISTAS**

TAYANE COSTA MORAIS

Salvador
Julho, 2022

TAYANE COSTA MORAIS

**UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS PARA A
ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de Surdos – Polo UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga.

Orientadora: Dra. Tânia Chalhub.

Salvador
Julho, 2022

Ficha catalográfica

M828u Morais, Tayane Costa.
Utilização de materiais didáticos pedagógicos para a alfabetização de estudantes surdos autistas / Tayane Costa Morais. — 2022.
31 f. il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Tania Chalhub de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2022.

1. Surdos - Educação. 2. Autistas. 3. Alfabetização. 4. Material didático. I. Título. II. Oliveira, Tania Chalhub de.

CDD 371.912

TAYANE COSTA MORAIS

**UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS PARA A
ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de Surdos como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga.
Orientadora: Dra. Tânia Chalhub.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Tania Chalhub - Orientadora, DESU / INES

Prof^a. Dr^a. Renata Barbosa Dionysio, DESU / INES

Prof^a. Dr^a. Maria Carmen Euller Torres, DESU / INES

Aprovada em ____/____/____

DEDICATÓRIA

À Deus. À minha família (mãe, pai, irmãos, sobrinhos, avós, tios, primos e cunhada), tutores do polo UFBA, aos colegas do curso e a orientadora Tânia Chalhub.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo incentivo e ajuda para enfrentar os desafios da graduação. Aos tutores do polo UFBA pela disposição e cuidado com os estudantes. Aos meus colegas do curso pela amizade construída. À orientadora Tânia Chalhub pela atenção e experiência. Agradecimento especial ao Instituto Nacional de Educação de Surdos por proporcionar a graduação de Pedagogia em vários polos pelo país, buscando a democratização do conhecimento.

*Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo.
Olga Benário Preste*

RESUMO

Os materiais didáticos pedagógicos são como ferramentas que auxiliam o professor na mediação para a produção do conhecimento. São importantes agregadores no processo de alfabetização de estudantes surdos autistas. Estes estudantes podem se beneficiar de materiais didáticos específicos, visto que podem ser usados modelos com estímulos visuais e o educador deve utilizar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para que identifique os sinais correspondentes às imagens. O objetivo do estudo foi identificar as produções científicas dos últimos dez anos sobre materiais didáticos voltados para alfabetização de estudantes autistas surdos. Foi feita uma revisão integrativa da literatura. Utilizando a base de dados Google Acadêmico, o recorte temporal de 2011-2021 e os descritores materiais pedagógicos, alfabetização e surdos autistas foram encontrados 34 estudos. Destes, apenas três estavam de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos. Observa-se uma escassez de estudos sobre o tema proposto na literatura nacional, assim como dificuldades de estatísticas sobre números de estudantes autistas surdos matriculados em escolas brasileiras. Para que esse tema seja mais difundido nas universidades e espaços escolares é preciso mais estudos sobre materiais didáticos para o processo de alfabetização de surdos autistas, dando destaque a vivências e relatos desses estudantes.

Palavras-chaves: Surdos autistas. Materiais Pedagógicos. Alfabetização.

RESUMO EM LIBRAS

Link: <https://youtube.com/watch?v=qjWswLao4q8&feature=share>

Intérprete: Ana Carolina (estudante de Pedagogia 8º semestre, INES- Polo UFBA)

ABSTRACT

The pedagogical teaching materials are like tools that help the teacher in the mediation for the production of knowledge. They are important aggregators in the literacy process of autistic deaf students. These students can benefit from teaching materials, since models with visual stimuli can be used and the educator must use the Brazilian Sign Language (LIBRAS) to identify the signs corresponding to the images. The objective of the study was to discuss the scientific productions of the last ten years on teaching materials aimed at the literacy of deaf autistic students. An integrative literature review was carried out. Using the Google Scholar database, the time frame of 2011-2021 and the descriptors pedagogical materials, literacy and autistic deaf people, 34 studies were found. Of these, only three met the established inclusion criteria. There was a lack of studies on the topic proposed in the national literature, as well as difficulties in statistics on the numbers of deaf autistic students enrolled in Brazilian schools. For this theme to be more widespread in universities and school spaces, more studies are needed on teaching materials for the literacy process of deaf autistic people, highlighting the experiences and reports of these students.

Keywords: Autistic deaf. Pedagogical Materials. Literacy.

LISTA DE SIGLAS

INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

PBE - Prática Baseada em Evidências

TEA – Transtorno do Espectro Autista

TEACCH - Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped

UFBA – Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	16
1. INTRODUÇÃO -----	17
2. ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS SURDOS AUTISTAS -----	19
3. METODOLOGIA-----	25
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO -----	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	29
REFERÊNCIAS-----	30

APRESENTAÇÃO

Meu envolvimento com o tema sobre materiais didáticos para o processo de alfabetização de surdos autistas surgiu desde o início de curso, pois comecei a graduação com a intenção de no futuro poder trabalhar com crianças autistas.

Essa motivação partiu do fato que sou autista e tive algumas experiências difíceis na escola. As escolas das minhas vivências educacionais não me apresentaram materiais didáticos com adaptações que pudessem me ajudar, especialmente na área de comunicação. Não me foram oferecidos materiais que utilizavam figura de linguagem, nem estratégias de trabalho em grupo.

Acredito, que compartilhando nossas experiências, estudando, pesquisando, sendo professores, podemos ajudar a educação ser mais inclusiva. Este trabalho é fruto de estudo que realizei visando a contribuir com a produção de conhecimento sobre o tema, é uma reflexão teórica de uma profissional autista, a perspectiva de alguém que não teve a oportunidade de aprendizagem com os materiais adequados.

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização é o processo que, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de “[...] compreensão/expressão de significados do código escrito [...]” (SOARES, 2003).

Existem diferentes métodos de alfabetização, como por exemplo, o método fônico, que visa ensinar as correspondências grafofonêmicas e desenvolver as habilidades metafonológicas. O método global ou ideovisual pressupõe que a aprendizagem da linguagem escrita se dê pela identificação visual da palavra, propõe o ensino das associações entre palavras inteiras e seus significados (abordagem ideovisual), individualmente ou em textos (SEBRA; DIAS, 2011). Para os estudantes surdos também há a metodologia da pedagogia surda, que atende de uma forma satisfatória as especificidades do surdo, de forma a considerar todos os aspectos culturais deste sujeito (WATHIER; FREITAS, 2016).

Ao longo das últimas décadas muitas conquistas foram se concretizando para os grupos com necessidades educacionais diferenciadas, como os cegos e surdos, dentre outros. Para alfabetização de estudantes surdos autistas, a língua de sinais é indispensável e deve ser usada como língua instrutora durante todo o processo de ensino da leitura e escrita (RODRIGUES; ANTUNES, 2003).

Dessa forma, um dos recursos que pode colaborar no processo de alfabetização são os materiais didáticos pedagógicos, quando construídos e pensados considerando a realidade dos estudantes. Esse recurso pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como o material instrucional que se elabora com finalidade didática (BANDEIRA, 2009).

Os materiais didáticos pedagógicos são como ferramentas que auxiliam o professor na mediação para a produção do conhecimento, entende-se que esses materiais ou recursos devam ser adequados à dimensão cognitiva, à faixa etária e às concepções de ensino e aprendizagem partilhadas pelos

professores – que englobam as percepções sobre os sujeitos envolvidos nesse processo (SANTOS *et al.*, 2021).

Os instrumentos pedagógicos são importantes agregadores no processo de alfabetização de estudantes surdos autistas. Estes estudantes podem se beneficiar de instrumentos didáticos, visto que podem ser usados modelos com estímulos visuais e o educador deve utilizar a LIBRAS para que identifique os sinais correspondentes às imagens (DA COSTA; LIONE, 2020), além de usar tema relacionado ao hiperfoco do estudante.

Não se sabe ao certo quantos alunos surdos autistas estão matriculados em escolas, pois os estudos estatísticos os colocam como múltiplas deficiências (ROCHA, 2016). Apesar de não existir dados estatísticos sobre estudantes surdos autistas, eles estão nas escolas e precisam de adaptações tanto relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) quanto à surdez. Esses alunos precisam de recursos didáticos que sejam confeccionados de forma personalizada para atender as necessidades pedagógicas de um educando para que este consiga adquirir as habilidades ou compreensão de determinados conteúdo ou atividades, visando respeitar as suas subjetividades cognitivas, motoras, sensoriais e sociais (COSTA; LIONE, 2020).

Nessa perspectiva, é fundamental o estudo sobre materiais didáticos pedagógicos utilizados para a alfabetização de surdos autistas no Brasil, sua aplicabilidade e discussões no meio acadêmico. O objetivo do estudo foi identificar as produções científicas dos últimos dez anos sobre recursos didáticos voltados para alfabetização de estudantes surdos autistas.

2. ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS SURDOS AUTISTAS

O Surdo autista lida com duas realidades dentro do sistema educacional, ou seja, ele tem prioridades específicas devido ao fato de ser surdo, em contrapartida, tem outras peculiaridades devido ao autismo. Esses dois diagnósticos se confundem dentro do sistema educacional e por muitas vezes, passam despercebidos (ROCHA, 2016). Dessa forma é fundamental que a comunidade escolar conheça sobre transtorno do espectro autista e surdez para que possa tornar a aprendizagem de estudantes surdos autistas uma experiência enriquecedora.

Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou autismo, caracteriza-se como distúrbio relacionado ao neurodesenvolvimento e tem, usualmente, sua manifestação na primeira infância. Compreende dois domínios, um associado com dificuldade de comunicação e interação social; e outro referente a comportamentos restritivos e repetitivos (BRASIL, 2014).

Ou seja, o TEA impacta a comunicação, a interação social, a imaginação e o comportamento do indivíduo, os quais podem causar prejuízos no desenvolvimento social destas pessoas. Este transtorno pode variar em grau leve, moderado e severo, o que requer avaliações minuciosas para identificar as suas necessidades e possibilidades de aprendizagem (SOUZA; ANACHE; 2020).

A heterogeneidade observada nos casos de TEA é uma das características do transtorno que torna complexo os processos de diagnóstico e tratamento. O diagnóstico de TEA pode ser dado tanto para aqueles casos de indivíduos que são oralizados e escolarizados, mas que apresentam dificuldades em compreender regras sociais, ironias e que se interessam demasiadamente por poucos tópicos específicos, quanto para aqueles indivíduos que não desenvolveram a linguagem, que evitam constantemente a presença de pessoas, que apresentem rituais e comportamentos estereotipados constantemente ao longo do dia, e que necessitam de auxílio para se alimentar, se vestir, se banhar, entre outras necessidades básicas. Independente do grau, o TEA requer tratamento por trazer importantes prejuízos para a vida da pessoa e por se constituir como condição crônica (ARAUJO; VERAS; VERELLA, 2019).

Os pesquisadores Grandin e Panek (2015), alertam para que as escolas não tratem todos os estudantes como se fossem iguais, não se deve ignorar o autismo, mas deve se ajustar as necessidades do aluno e explorar as pontes

fortes. O professor não deve querer transformar o aluno autista no que ele não é, por exemplo, as estereotipias se não estiverem causando machucados, não devem ser reprimidas, pois colabora para que o estudante possa se autorregular, então é importante permitir caminhadas nos corredores quando estiver muito ansioso ou que balance as mãos se tiver muito feliz.

Outro fato importante para os professores é entender, que muitos autistas pensam por imagens e devem então preparar materiais didáticos que explorem esse fato, que utilizem ilustrações adequadas. Um exemplo, é usar o sistema de comunicação por troca de imagens (PECs) para ensinar a rotina da escola para o estudante, como ilustra a imagem abaixo.

Figura 1. PEC para rotina na escola



Fonte: Rotina escolar de comunicação alternativa

<https://www.elo7.com.br/pecs-rotina-escolar-comunicacao-alternativa-24unds/dp/FDD97A>

A inclusão nas escolas de autistas (crianças, adolescentes e adultos) precisa ser feita considerando as características dos estudantes e evitar a busca por “normalizar” a pessoa. Dentre os métodos ou programas educacionais mais utilizados para atender crianças com autismo, estão o Programa TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped*). Este método é baseado em habilidades e interesses, avaliação contínua, compreensão dos significados, colaboração dos pais, além do ensino das relações de causa e efeito, comunicação e independência, trabalhados por meio de informações visuais, rotinas e previsibilidade em ambientes naturais e com diversidade de materiais e o Currículo Funcional Natural, que visa desenvolver

habilidades para essas pessoas atuarem da melhor forma possível, tornando-os independentes e criativos, além de serem vistos como pessoas comuns e todos a sua volta devem agir com naturalidade, enfatizando mais as habilidades do que as fraquezas (DIAS, 2019).

Com relação aos alunos surdos autistas, além destes elementos essenciais sobre a educação de alunos com TEA, também cabe ao professor conhecer sobre Surdos, cultura Surda, ter contato com as comunidades surdas e evitar a definição patológica. Ser Surdo (com “S” maiúsculo) é reconhecer-se por meio de uma identidade compartilhada por pessoas que utilizam língua de sinais e não veem a si mesmas como sendo marcadas por uma perda (da audição) (CAMPELLO, 2008; MARQUES, 2015), mas como “membros de uma minoria linguística e cultural com normas, com atitudes e valores distintos e uma constituição física distinta” (BISOL; SPERD, 2010, p. 8). Marques (2015) aponta características corporais e perceptuais que são específicas das pessoas surdas, por exemplo, a interpretação visual, o desejo de estar com outro semelhante surdo, o tato mais aguçado, a Língua de Sinais, constituindo a essência de ser, contrapondo a questão da deficiência.

O acesso à língua de sinais é essencial para os surdos, pois é sua língua materna. Sendo assim, o contato deve ser na mais tenra idade. No caso no Brasil, a língua de sinais mais comumente utilizada é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). De acordo com a Lei nº 10.436 de 2002, entendem-se como Língua Brasileira de Sinais a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Os artigos 3º. e 4º. da referida lei é bem clara com relação à obrigatoriedade do uso para comunicação e educação de surdos no Brasil.

Art. 3º. As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º. O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte

integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Além da comunicação em Libras a visualidade é elemento imprescindível nos processos de ensino e aprendizagem de estudantes surdos, uma vez que estes estudantes têm em seus olhos as portas para adentrar e explorar o mundo (CAMPELLO, 2008; PEREIRA; KRIEGER, 2018).

A escola bilíngue para surdos, fixada na pedagogia surda, é o espaço ideal para o desenvolvimento dos estudantes surdos. Essa não é uma realidade atendida em todos os recortes geográficos de nosso país, o que leva algumas instituições a aderirem compulsoriamente serviços de tradução e interpretação, nessas escolas “todo o processo de ensino e aprendizagem passa pelo intérprete educacional” (MARTINS, 2006). Nos últimos anos, surdos de praticamente todas as regiões do Brasil foram mobilizados e mobilizadores na luta por escolas bilíngues e políticas educacionais permeadas pelas necessidades e anseios dos estudantes surdos (CAMPELLO; REZENDE, 2014).

2.1. Processo de Alfabetização e as crianças surdas autistas

O termo alfabetização designa tanto o processo de aquisição da língua escrita quanto o de seu desenvolvimento. Etimologicamente o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever (SOARES, 2003). Para o bom processo de alfabetização, como salienta Paulo Freire (1979), não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador.

O trabalho de alfabetização com as crianças com TEA exigirá do professor alfabetizador novas técnicas de ensino e aprendizagem, bem como uma percepção de colocar o aluno como centro do processo de ensino e como ser capaz de aprender a ler e escrever. O educador deverá buscar conhecimentos, estratégias e recursos diferenciados para tornar sua prática pedagógica mais inclusiva e ativa, pois, a alfabetização de crianças autista é uma forma de torná-la a ser autônoma e participação na vida social (BARRETO, 2021).

De acordo com Campello (2008), para a educação de estudantes surdos a formação dos professores deve estar relacionada com a cultura, identidade,

história dos movimentos sociais, educacionais e política dos sujeitos Surdos, gramática de língua de sinais, e de língua estrangeira, no caso do português como segunda língua dos sujeitos Surdos. Para Borges (2018), embora a formação do professor certamente não possa resolver todas as demandas escolares, ela certamente contribui sobremaneira para a resolução de parte das demandas da sala de aula, seja na preparação do profissional para as adversidades, seja no despertar de sua consciência para aquilo que depende da mobilização da comunidade/sistema escolar.

Em relação à alfabetização de surdos, pelo menos duas características devem ser consideradas: registros pictográficos, surgindo como presença marcante e incontestável nas produções dos surdos e uso da língua de sinais como arcabouço linguístico para a aquisição da língua escrita e atenção especial para cada estudante (LIMA; CARDOSO, 2015).

A professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos, Prado (2021), sobre alfabetização e letramento para surdos, ensina uma metodologia de ensino de português visual específica para crianças surdas. Para estudantes de 6 e 7 anos, o conteúdo do ensino de português visual deve estar voltado para nomes de pessoas, o segundo ponto é o ensino do alfabeto, o terceiro quesito a ser ensinado são os verbos, as ações. O quarto conteúdo são “as coisas”. O quinto é sobre o tempo (semanas, meses, anos, dias...). Além de ensinar a escrita é fundamental o ensino dos conceitos. O sexto conteúdo são as cores, o sétimo são os adjetivos. O oitavo conteúdo são os numerais (quanto?) para desenvolver a ideia de quantidade. O nono conteúdo é o plural e o último se refere ao plural de coisas de adjetivos. Prado (2021) frisa que esse conteúdo corresponde ao primeiro ano de escolaridade e devem ser ensinados tendo LIBRAS como primeira língua, ademais sempre utilizar estratégias visuais, tal como, a elaboração de cartazes com imagens de pessoas e em baixo seus nomes. Outro exemplo são cartazes com imagens de pessoas realizando atividades, como beber água, representando “o que faz?” e criança tem que escrever o verbo relacionado.

2.2 Materiais Didáticos na Alfabetização de alunos Surdos Autistas

O desenvolvimento de materiais didáticos pelos docentes é uma prática frequente e necessária para o desenvolvimento técnico-profissional (FERREIRA *et al.*, 2021). O uso de materiais auxiliares, como os didático-pedagógicos

lúdicos, provoca o interesse, a segurança, bem como o aperfeiçoamento das habilidades cognitivas. Daí a importância do uso de materiais didático-pedagógicos lúdicos como recurso didático para avançarmos na melhoria do aprendizado (FARIAS; CÂNDIDO; 2019).

Na intenção de oportunizar um processo ensino-aprendizagem mais significativo e dinâmico, diferentes materiais e atividades lúdicas são utilizados como motivadores para a apreensão de conceitos e de ampliação da visão de mundo. E pensando no desenvolvimento de forma global, o lúdico corrobora na aquisição de habilidades, na estimulação psicomotora, dos esquemas perceptivos e operativos, na consciência corporal, na socialização e na interação (CASANOVA *et al.*, 2021).

A utilização de materiais didáticos pedagógicos é um recurso na educação inclusiva. A adaptação de recursos didáticos é assegurada pela Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146 de 2015) que define em seu artigo 28 que é dever do Estado o aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promova uma inclusão plena (BRASIL, 2015).

Para os alunos surdos conforme discutido anteriormente, a visualidade e uso de Libras são essenciais para a educação e devem estar presentes já no processo de alfabetização, com materiais didáticos bem específicos. Bons materiais didáticos voltados para as crianças surdas, que podem também ser utilizados por crianças autistas, são os confeccionados e explicados pela professora Rosana Prado (2021). Ela utiliza a caixa de vocabulário. A caixa tem várias divisórias e em cada uma delas tem separados cartões com imagens e nomes por escrito. As divisórias são separadas por conceitos, por exemplo, imagens de pessoa (quem) e imagens do que fazem (verbo). A confecção é simples e não exige muitos gastos financeiros. Precisa colar imagens em cartões de papéis mais resistentes e em outros cartões colocar o nome escrito correspondente. A criança pode manusear e emparelhar nome e imagem. Também pode ser usada para ditado visual, a criança olha a imagem e escreve o nome, além de jogo da memória. O ensino da criança surda exige locais que possam visualizar a escrita como cartazes e caderno de conceitos, como enfatiza Prado (2021). Com o caderno de conceitos o(a) professor(a) pode trabalhar as questões “Quem?” e “O que faz?”. Neste caso imagem e escrita ficam na mesma

página. Esses materiais são importantes para que a criança surda possa assimilar a escrita e imagem correspondente.

Os materiais didáticos são importantes para o ensino de estudantes surdos autistas. O trabalho com esses materiais deve ser feito respeitando a singularidades do aluno, para que novas experiências e possibilidades sejam proporcionadas (CASANOVA *et al.*, 2021).

O material estruturado é confeccionado de forma personalizada para atender as necessidades pedagógicas de um educando para que este consiga adquirir as habilidades ou compreensão de determinados conteúdo ou atividades, visando respeitar as suas subjetividades cognitivas, motoras, sensoriais e sociais (COSTA; LIONE, 2020).

O aluno surdo autista pode se beneficiar deste material didático que o modelo possui estímulos visuais e o educador utilize a Libras para que identifique os sinais correspondentes às imagens. Figuras com desenhos de pessoas sinalizando as palavras, junto ao material pode dificultar o entendimento do aprendente, visto que pessoas com TEA tem dificuldade na generalização (COSTA; LIONE, 2020).

O estudo de Xavier e Fonseca (2020) indica que os materiais adaptados para surdos autistas devem seguir a pedagogia visual, com forte apelo imagético possibilitando ao educando autista surdo uma equidade em seu processo de aprendizagem. O estudo utiliza obras de artes com imagens não abstratas (autistas tem dificuldades com imagens abstratas) e pergunta aos estudantes surdos autistas sobre formas, cores e outras informações. Esse método tem o objetivo de desenvolver signo linguístico e a representação do pensamento e o domínio dele é importante para estabelecermos relações sociais e compartilharmos nossos pensamentos.

Podemos perceber que as principais características de materiais para alfabetização de alunos surdos autistas estão ancoradas na pedagogia visual e na comunicação em língua de sinais.

3 METODOLOGIA

Foi feita uma revisão integrativa da literatura. A definição de revisão integrativa conforme Mendes (2008) e Souza (2010) é buscar a combinação de uma ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma Prática Baseada em Evidências (PBE), a fim de solucionar problemas e referenciar a compreensão completa através da tomada de decisão, onde incorpora a busca da melhor e mais recentes evidências científicas.

Para a elaboração da revisão integrativa, foram seguidos os procedimentos metodológicos divididos em seis etapas:

- Primeira etapa: identificação do tema e seleção da hipótese e questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa.

- Segunda etapa: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem e busca na literatura. Foram incluídos artigos científicos, monografias, dissertações e teses, publicados de 2012 a junho de 2021, no idioma português. Nesta revisão integrativa foram excluídos resumos de congressos, cartas ao editor, resultados e relatórios de prêmios, estudos que focaram na avaliação de ferramentas, estudos no qual não houve desfechos associados, bem como também aqueles que não apresentavam o resumo ou texto completo.

Como estratégia de estudo, a busca dos trabalhos foi realizada na base de dado Google Acadêmico. Para identificação dos artigos foram utilizados os seguintes descritores: materiais pedagógicos, alfabetização e surdos autistas.

- Terceira etapa: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos. Nessa etapa foram coletadas as informações dos estudos selecionados através de uma planilha. Os dados coletados serão: título, ano de publicação, autores, metodologia utilizada e principais resultados e tipo de material.

- Quarta etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa;

- Quinta etapa: interpretação dos resultados;

- Sexta etapa: apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

4. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Utilizando a base de dado Google Acadêmico, o recorte temporal de 2012-2021 e os descritores *materiais pedagógicos, alfabetização e surdos autistas* foram encontrados 34 estudos. Destes, apenas três (Quadro 01) estavam de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos.

Quadro 01- Trabalhos sobre educação de surdos autistas selecionados – 2012 a 2021

Título	Ano	Autores	Tipo
Material Estruturado para Alfabetização de Alunos Surdos-Autistas a Partir de Interesses Restritos.	2020	Dora Vieira da Costa e Viviane Lione.	Artigo Revista Communitas
Formação de Professores para a Educação Inclusiva de Alunos Surdos e Autistas: um Projeto de Intervenção	2018	Giovana Karine Souto Martins Borges	Dissertação - Universidade Estadual de Montes Claros.
Surdez e Autismo: um Estudo de Caso	2016	Amanda Santos Rocha	Monografia - Universidade de Brasília.

Fonte: Autora da pesquisa, 2022.

O artigo de Costa e Lione (2020) apresenta um modelo estruturado para alfabetização de alunos surdos autistas, a partir de preferência de interesse do aluno. Segundo as autoras, o material deve ser confeccionado de forma personalizada para atender as necessidades pedagógicas de um educando, visando respeitar a sua subjetividade cognitiva, motora, sensoriais e sociais. Para Costa e Lione (2020), através de pesquisas bibliográficas, o surdo autista pode se beneficiar de materiais com estímulo visual e o professor deve utilizar LIBRAS, além disso, os materiais didáticos devem ser utilizados em ambientes calmo, sem muitas distrações, buscando minimizar a ansiedade, tão comum em pessoas autistas, especialmente com atividades novas.

Assim sendo, os materiais didáticos não devem ter muitas informações para não dificultar a aditividade, visto que autistas podem ficar confusos com várias informações ao mesmo tempo, então elas sugerem, por exemplo, sinalizar em LIBRAS e apontar para imagem, não colocar nos materiais desenhos e sinalização em LIBRAS ao mesmo tempo (COSTA; LIONE, 2020)

Costa e Lione (2020) sugerem que os materiais pedagógicos sejam apresentados aos estudantes em partes. Elas apontam o exemplo de um aluno surdo autista que tem hiperfoco em cores e meios de transporte. As autoras prepararam cartões coloridos e os utilizaram para ensinar os sinais e a grafia. O mesmo foi feito com imagens de meio de transporte. Essa atividade estimulou a leitura e escrita, além de elaboração de um plano de estudo para alfabetização considerando aspectos do hiperfoco e necessidades individuais.

Outro trabalho científico selecionado, a monografia de Amanda Santos Rocha (2016) é um relato de caso sobre a inclusão de um aluno surdo autista em uma escola. A autora utiliza do método qualitativo e realizou entrevistas para contar a história da criança e o contexto educacional que ela estava inserida.

Rocha (2016) salienta que a escola sofre grande impacto ao receber um aluno autista surdo, porque muitos profissionais não estão preparados para lidar com esses estudantes e ainda faltam materiais pedagógicos e bibliografias apropriadas. A autora cita sobre a importância da tecnologia para criar materiais didáticos para situações especiais de aprendizagem, além de recursos pedagógicos adaptados como quebra cabeça, jogos de numerais de madeira, cadernos com recursos visuais, ademais os recursos devem ser criados a partir das necessidades dos estudantes.

Rocha (2016) conta o relato de experiência sobre o estudante Pedro¹. A escola não tinha turma bilíngue e abriu uma só para receber Pedro, ou seja, ele não tinha colegas. Em entrevista com a professora responsável pelo estudante, a docente relatou que não há material didático na escola que pudesse ajudar Pedro no processo de alfabetização. A professora disse que buscou criar esses materiais adaptados, porém ela não tem formação em LIBRAS e pouca experiência sobre autismo, o que certamente dificultou a criação desses materiais.

O relato de experiência da realidade de Pedro mostrou que a escola não estava efetivamente focada na alfabetização dele, nem utilizava materiais didáticos visuais, nem utilizava LIBRAS como primeira língua. Rocha (2016) sugere a criação de materiais didáticos para surdos autistas, materiais que sejam com acessibilidade em língua de sinais e que sejam instrumentos compartilhados por pais, professores e estudantes.

¹ Pedro é um nome fictício utilizado pela autora.

A dissertação de Giovana Karine Souto Martins Borges (2018) aborda a educação sob a perspectiva da Educação Inclusiva em especial os desafios enfrentados pelos professores. Foi um estudo qualitativo que avaliou a contribuição de formação continuada para professores de língua portuguesa voltada para prática de ensino de surdos e autistas. O curso trabalhou sobre a aprendizagem em salas de recursos e a necessidade de materiais didáticos e pedagógicos nesses espaços. Foi orientado aos professores a utilização de jogos com materiais didáticos, cada aluno deve ter um plano exclusivo de matérias didático e ser estabelecido tempo estimado de uso.

Borges (2018) sugere a utilização dos métodos ABA e PECS para criação dos materiais didáticos, além de considerar a idade dos estudantes, a rotina e utilizar estímulos visuais e concretos, como fotografia e ilustrações e objetos. Outra sugestão da autora é relacionada a curso para os professores, que os materiais didáticos sejam utilizados seguindo o método HANEN, que é um método que a linguagem se desenvolve por meio de estímulos.

Os três trabalhos analisados, apesar de terem utilizados metodologias diferentes, reforçam e ilustram muito bem as principais características apontadas na literatura científica com reação a uso de materiais didáticos para educação de alunos surdos autistas: pedagogia visual e uso de LIBRAS. Mas vale destacar que a formação profissional do professor é a base para que o processo educacional seja bem sucedido, não basta seguir a lei, criar turmas, equipar a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi visto na literatura científica os materiais didáticos pedagógicos são ferramentas que auxiliam no processo de alfabetização. Esses materiais contribuem nos aspectos cognitivos e lúdicos dos estudantes, dessa forma os professores devem confeccionar considerando a identidade e realidade dos alunos. Os materiais didáticos para a alfabetização de surdos autistas devem valer do visual, língua de sinais e dos temas de interesse dos discentes.

O artigo de Costa e Lione (2020) destaca sobre materiais estruturados para alfabetização de alunos surdos autistas a partir do uso de língua de sinais e interesses restritos do estudante. A dissertação de Borges (2018) aponta para necessidade de formação continuada para os professores prepararem materiais didáticos de acordo com as características de cada estudante. A monografia de Rocha (2016) através de um relato de caso da inserção de um estudante surdo autista em uma escola salienta sobre a necessidade de preparação da escola para colher esse aluno, a necessidade de turmas bilíngue e professores com formação sobre TEA e LIBRAS.

Observa-se uma escassez de estudos sobre o tema proposto na literatura nacional, assim como dificuldades de estatísticas sobre números de estudantes autistas surdos matriculados em escolas brasileiras. Para que esse tema seja mais difundido nas universidades e espaços escolares é preciso mais estudos sobre materiais didáticos para o processo de alfabetização de surdos autistas, dando destaque as vivências e relatos desses estudantes.

Apesar dos grandes avanços na educação de surdos e na educação de alunos com TEA, a realidade educacional de alunos surdos autistas ainda é um tema que precisa de mais aprofundamentos, mais pesquisas com abordagens diversas visando a contribuir para uma educação mais inclusiva de um grupo que tem pouca visibilidade na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Jeane A. M. R.; VERAS, André B.; VARELLA, André A. B.. Breves considerações sobre a atenção à pessoa com transtorno do espectro autista na rede pública de saúde. **Revista Psicologia Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 1, p. 89-98, abr. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000100007&lng=pt&nrm=iso . Acessos em 04 set. 2021.
- BANDEIRA, D. **Materiais Didáticos: conceito, classificação geral e aspecto de elaboração**. Disponível em: <http://www2.videolivriaria.com.br/pdfs/24136.pdf>. Acesso: em 01 set. 2021.
- BARRETO, M. F. **Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. Universidade Federal de Sergipe. v. 2 n. 4. 202. Disponível em: <https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/98>. Acesso em: 04 set. 2021.
- BISOI, Cláudia; SPERB, Tania Mara. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2010, v. 26, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100002> Acesso em: 07 de setembro de 2021.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf Acesso em 06 de set de 2021.
- _____. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/10436.htm Acesso em: 11 abr 2022.
- BRASIL, Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação Departamento de Educação Básica. **Alfabetização e Letramento**. Curitiba, 2015. Disponível em: [Alfabetização e Letramento \(diaadia.pr.gov.br\)](http://alfabetizacao.eletramento.diaadia.pr.gov.br). Acesso em 01 de setembro de 2021.
- BORGES, K. S. M. **Formação de professores para a educação inclusiva de alunos surdos e autistas: um projeto de intervenção**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade Estadual de Montes Claros. 2018. Disponível em: <http://repositorio.unimontes.br/bitstream/1/479/1/GIOVANA%20KARINE%20SOUTO%20MARTINS%20BORGES.pdf>. Acesso em 15 de fev 2022.
- CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, fevereiro de 2008. Disponível em:

<http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/andle/123456789/277> . Acesso em 25 de setembro de 2021.

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista [online]**. Edição Especial n. 2, p. 71-92, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/6KfHLbL5nN6MdTjJd3FLxpJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

CASANOVA, S. A. *et al.*. Didactic material adapted for the teaching of Hygiene and Health: Healthy Memory game for students with Autism Spectrum Disorder (ASD). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 8, p. e28910817318, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i8.17318. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17318>. Acesso em: 12 sep. 2021.

DA COSTA, D. V.; LIONE, V. de O. F. Material Estruturado para Alfabetização de Alunos Surdos-Autistas. **Communitas**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 396–407, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/3805>. Acesso em: 07 set. 2021.

DIAS, R. I. R. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Revista EAD e tecnologias digitais na educação**, v. 7, n. 9, p. 123-130, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/edneioliveira,+A+inclus%C3%A3o+do+aluno+com+tr+anstorno+do+espectro+autista+na+escola+comum++desafios+e+possibilidades.pdf>. Acesso em: 12 jun 2022.

FARIAS, M.; CÂNDIDO, L. Uso de materiais didático-pedagógicos lúdicos por egressos do PROFMAT e sua influência no aprendizado em Matemática em Alagoas. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 10, n. 6, p. 340-359, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/2066>. Acesso em 05 de setembro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Prefácio de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FERREIRA, Luiz Fernando *et al.* Material Didático Adaptado Frente ao Ensino Remoto. v. 1 n. 1 (2021): Anais Educação em Foco: IFSULDEMINAS. Disponível em: MATERIAL DIDÁTICO ADAPTADO FRENTE AO ENSINO REMOTO | Anais Educação em Foco: IFSULDEMINAS. Acesso em 01 de setembro de 2021.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. **O Cérebro Autista**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

LIMA, E. W. G.; CARDOSO, C. J. A criança surda: desafios e possibilidades para a alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 1, 29 jun. 2015. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/33>. Acesso em 07 de setembro de 2021.

MARQUES, Rodrigo Rosso. A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica. INES. **Revista Espaço**. Rio de Janeiro, n. 43, jan-jun 2015. Disponível em: 1323-Texto do Artigo-4087-1-10-20200625.pdf . Acesso em 25 de setembro de 2021.

MARTINS, V. R. O. Implicações e conquistas da atuação do intérprete de língua de sinais no ensino superior. **ETD**, v.7, n. 2, 2006.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

PEREIRA, I.; KRIEGER, C. F. Z. **Tecnologias na educação de surdos**. Educação, aprendizagem e tecnologias: relações pedagógicas e interdisciplinares (pp.167-193). Santa Catarina, 2018. Disponível em: (PDF) Tecnologias na educação de surdos (researchgate.net). Acesso em 01 de setembro de 2021.

PRADO, Rosana. **Material Didático Caixa de Vocabulário**. Curso de Pedagogia Online. Instituto Nacional de educação de Surdos, Rio de Janeiro 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_ZCWwCAHcM&t=2s. Acesso em: 17 abr 2022.

PRADO, Rosana. **Alfabetização e Letramento de surdos. Unidade 4**. Curso de Pedagogia Online. Instituto Nacional de educação de Surdos, Rio de Janeiro Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tA3uzQ9nZCM>. Acesso em: 18 abr. 2022.

ROCHA, Amanda Santos. **Surdez e Autismo: um estudo de caso**. Brasília: UnB. 2016. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15509/1/2016_AmandaSantosRocha_tcc.pdf. Acesso em 03 de setembro de 2021.

RODRIGUES, G.; ANTUNES, H. S. Alfabetização de surdos: apontando desafios. **Revista do Centro de Educação**. n. 23. 2001. Disponível em: 5027-22481-1-PB.pdf. Acesso em 27 de setembro de 2021.

SANTOS, Pollyana dos *et al.* As percepções sobre os sujeitos da EJA e os materiais didáticos utilizados na mediação pedagógica na Educação de Jovens e Adultos. **Educação**. Santa Maria, v. 46, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao>. Acesso em 03 de setembro de 2021.

SEBRA A. G.; DIAS N. M. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimento considerações para uma prática eficaz. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, p. 306-320, 2011. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/161/metodos-de-alfabetizacao--delimitacao-de-procedimentos-e-consideracoes-para-uma-pratica-eficaz>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, M.T.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SOUZA, A. L. A. de; ANACHE, A. A. A educação das pessoas com o transtorno do espectro autista: avanços e desafios. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 2, p. 1035–1053, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14330>. Acesso em: 12 set. 2021.

XAVIER, A. P.; FONSECA, F. C. dos R. A. A Pedagogia Visual Auxiliando o Trabalho de Construção de Conceitos Matemáticos para Alunos Surdos na Condição do Espectro Autista. **Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades**. 2020. Disponível em: 38546 (atenaeditora.com.br). Acesso em 02 de setembro de 2021.

WATHIER, J. A.; FREITAS, A. P. de. **Alfabetização e Letramento do Sujeito Surdo: Uso dos Instrumentos Específicos**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16076243-Alfabetizacao-e-letramento-do-sujeito-surdo-uso-dos-instrumentos-especificos-jean-alexandro-wathier-ana-paula-de-freitas.html>. Acesso em: 12 jun 2022.